

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Revisitar Os Grandes Géneros: Era Uma Vez... O Western
(PARTE 3 – CONCLUSÃO)
23 de Setembro de 2025

NO COUNTRY FOR OLD MEN / 2007

Este País não é para Velhos

um filme de ETHAN COEN e JOEL COEN

Realização: Ethan Coen, Joel Coen / **Argumento:** Ethan Coen e Joel Coen a partir do livro homónimo de Cormac McCarthy / **Direcção de Fotografia:** Roger Deakins / **Música Original:** Carter Burwell / **Direcção Musical:** / **Montagem:** Ethan Coen e Joel Coen (como Roderick Jaynes) / **Som:** / **Direcção Artística:** John P. Goldsmith / **Cenários:** Nancy Haigh / **Guarda-Roupa:** Mary Zophres / **Interpretação:** Tommy Lee Jones (Ed Tom Bell), Javier Bardem (Anton Chigurh), Josh Brolin (Llewelyn Moss), Woody Harrelson (Carson Wells), Kelly Macdonald (Carla Jean Moss), Garret Dillahunt (Wendell), Tess Harper (Loretta Bell), Barry Corbin (Ellis), Stephen Root (homem que contrata Wells), Rodger Boyce (Xerife de El Paso), Beth Grant (mãe de Carla Jean), Ana Reeder (mulher da piscina), Kit Gwin (Secretária do Xerife Bell), Zach Hopkins (agente estrangulado), Chip Love (homem numa Ford), Eduardo Antonio Garcia ('Agua' Man), Gene Jones (proprietário da bomba de gasolina), Myk Watford, Boots Southerland, Kathy Lamkin, Johnnie Hector, Margaret Bowman, Thomas Kopache, Jason Douglas, Doris Hargrave, Rutherford Cravens, Matthew Posey, George Adelo, Mathew Greer, Trent Moore, Marc Miles, Luce Rains, Philip Bentham, Eric Reeves, Josh Meyer, Chris Warner, Brandon Smith, Roland Uribe, Richard Jackson, Josh Blaylock, Caleb Landry Jones, Dorsey Ray, Angel H. Alvarado Jr., David A. Gomez, Milton Hernandez, John Mancha, Scott Flick, Fernando Lara, Angelo Martinez, Elizabeth Slagsvol.

Produção: Paramount Vantage, Miramax Film, Scott Rudin Productions, Mike Zoss Productions / **Produtores:** Ethan Coen, Joel Coen, Scott Rudin / **Produtor Associado:** David Diliberto / **Produtores Executivos:** Robert Graf, Mark Roybal / **Cópia:** Cinemateca Portuguesa, 35mm, cor, legendada em português / **Duração:** 122 minutos / **Estreia Mundial:** 21 de Novembro de 2007 (Estados Unidos) / **Primeira Apresentação Pública:** 19 de Maio de 2007 no Festival de Cannes **Estreia em Portugal:** 28 de Fevereiro de 2008, em Londres/Loureshopping/Rio Sul Shopping/Castello Lopes Cinemas Guia/Cidade do Porto/Twin Towers/Fórum Algarve/Almada Forum/Amoreiras/CascaShopping/Dolce Vita Coimbra, e em vários outros cinemas de todo o país / **Primeira exibição na Cinemateca:** 11 de Setembro de 2010, Ciclo “Cinema na Esplanada: Catástrofes e Icebergs”.

“Algures por aí anda um profeta da destruição, um profeta genuíno de carne e osso, e eu não o quero enfrentar. Sei que ele existe. Vi a obra dele. Caminhei diante daqueles olhos numa ocasião. Não o tornarei a fazer. Recuso-me a empurrar as fichas todas para o meio da mesa de jogo e levantar-me da cadeira e sair para lhe fazer frente. Não é só por estar mais velho. Quem me dera que fosse só isso. Também não posso dizer que o problema sejam os riscos que estou disposto a correr, porque eu sempre soube que, logo à partida, tinha que estar disposto a morrer para aceitar um trabalho destes (...) Tem mais a ver com aquilo em que cada um de nós está disposto a transformar-se, acho eu. E parece-me que um homem teria que arriscar a alma. E isso é que eu nunca farei. Tenho agora a impressão de que nada nem ninguém me levaria a correr esse risco”

Cormac McCarthy, “*No Country for Old Men*”

Parte da sua riqueza deste que será um dos melhores filmes dos irmãos Coen está indissociavelmente ligada a Cormac McCarthy, o autor do livro que o filme adapta, e a que vai buscar o título. A este propósito será interessante salientar que NO COUNTRY FOR OLD MEN é o primeiro filme em que os cineastas partem de uma obra literária prévia, que, curiosamente, lhes foi proposta ainda antes da sua publicação. A questão que se colocava ao filme era como materializar em imagens uma escrita à partida muito cinematográfica, embora os Coen considerassem que o estilo de McCarthy escapava à tradução visual. O filme acompanha de muito perto o espírito e o texto de McCarthy, como poderemos constatar ao folhear as suas primeiras páginas, em que é minuciosamente descrita a prisão de Chigurh e a forma como ele mata brutalmente o assistente do xerife. McCarthy é conhecido pelo seu estilo extremamente pormenorizado, que faz de cada pequeno gesto uma cerimónia e um acontecimento, pois trata-se de um escritor para quem o simples movimento de atender o telefone, adquire a maior solenidade, comparável à “solenidade” dos gestos de um assassino. E é essa mesma atmosfera de pormenor, dominada por uma forte violência, que passa de forma exemplar para o filme.

Western dos tempos modernos, NO COUNTRY FOR OLD MEN aflora e desmonta toda uma panóplia de géneros, prolongando um conjunto de temas que os irmãos Coen têm vindo a explorar noutros filmes como BLOOD SIMPLE ou MILLER'S CROSSING, como a violência ou uma dimensão metafísica da vida desenhada com um negrume apocalíptico. A narrativa de NO COUNTRY FOR OLD MEN desenrola-se na fronteira do Texas com o México e é dominada pelo tráfico de droga e pelos seus múltiplos agentes: um carregamento de heroína e uma mala com vários milhões de dólares em dinheiro vivo estão na origem de uma reacção em cadeia de imensa violência, que nem mesmo a lei consegue travar. Situação de algum modo vulgar, se pensarmos no terror que se continuava a viver nessa mesma zona, como é exemplo Juárez, a cidade mais violenta do mundo, na qual por altura da estreia do filme a taxa de homicídios disparava vertiginosamente.

Os velhos vilões que aterrorizavam cidades do velho Oeste são assim substituídos por estas novas e sinistras figuras, por impiedosos assassinos a soldo, que desconcertam os agentes da lei. E é face a esta configuração que não podemos deixar de visionar este filme sem pensar nos *westerns crepusculares* de Anthony Mann ou nos filmes posteriores de SAM PECKINPAH, se bem que aqui a violência extrema seja encenada de um modo totalmente diferente. A personagem do xerife Bell, interpretada de forma notável por Tommy Lee Jones, testemunha isso mesmo: um mundo que já não se comprehende, dominado pela violência gratuita, e onde a “lei” está às avessas. O xerife foi, na realidade, a personagem que mais dificuldade trouxe aos Coen ao nível da adaptação, dados os seus constantes monólogos interiores presentes no livro, o primeiro dos quais (de que se cita acima um excerto) terá um efeito determinante na construção do ambiente do filme, em virtude da sua transcrição literal na voz *off* que o introduz. Texto que, ao acompanhar os belíssimos planos de vastas paisagens desertas sob a imensidão do céu, traduzirá em pleno a melancolia e a desordem de um sobrevivente num mundo mergulhado no caos, que ditará a nostalgia e o desencanto que atravessará todo o filme.

Um dos aspectos mais audaciosos de NO COUNTRY FOR OLD MEN reside na sua estrutura, e na forma como as três personagens principais, que se perseguem continuamente, quase não têm cenas em comum. Daí o facto de termos três grandes protagonistas - e não um -, que desenvolverão os seus percursos em paralelo: Tommy Lee Jones, o xerife, Javier Bardem, Chigurh, o “serial killer”, e Josh Brolin, aquele cuja perseguição conduz grande parte da história. Mas mesmo que pensemos na importância de cada um deles, é sem dúvida

Chigurh aquele que se revela com a personagem mais interessante e complexa de NO COUNTRY FOR OLD MEN (Bardem conquistou com este papel o Oscar de melhor filme secundário). “Profeta da destruição”, ou encarnação do mal, na realidade Chigurh está para além do bem e do mal, pois trata-se de um mero instrumento da natureza, em sintonia com um ambiente implacável. A América não é mais aqui a terra da promessa, mas uma arena devastada pela morte e pelo sangue das suas vítimas. Esta é a concepção pessimista do mundo de McCarthy. E é este mesmo pessimismo (ou realismo) que atravessa este acutilante retrato de um “país que não é para velhos”.

Joana Ascensão